

Prefácio? Não!

Prefácio ao livro *Alvoradas*, de Ilka Maia

Maria Lacerda de Moura

A jovem poetisa e o “não-prefácio” da madrinha Maria Lacerda de Moura

A lei daquele país proibia aos amos de escravos que vendessem as crias de seus negros e que se livrassem de seus serviçais sob o pretexto de velhice. Ao comprar um escravo, o amo se via obrigado a conservá-lo até que morresse. O domínio de cada colono formava desse modo um pequeno Estado.

Resgatamos aqui um texto obscuro e até então esquecido de Maria Lacerda de Moura. Tentamos fazer com que ganhe mais projeção através das páginas da Revista da Biblioteca Terra Livre, em especial pelo seu teor fortemente pessoal e rebelde.

“Prefácio? Não!” foi escrito em 1923 e publicado como apresentação ao livro *Alvoradas* (1924) da poetisa Ilka Maia, uma garota que na época tinha apenas 16 anos e já demonstrava um enorme talento para as letras.

Mas quem foi Ilka? Nascida em 27 de abril de 1906 na cidade de São Paulo, Ilka de Freitas Maia era filha do advogado Luiz Oscar de Almeida Maia e de Maria da Glória de Freitas Maia, professora. Começou a escrever desde pequena. Posteriormente, formou-se em Psicologia e trabalhou como funcionária pública na prefeitura da capital por vários anos, atuando como Psicotécnica e na área da Psiquiatria, contribuindo com descobertas importantes em relação a testes em Psicanálise. Aposentada, viveu em várias cidades do interior do estado até seu falecimento em 1988, na cidade de Bananal/SP.

Ilka Maia foi autora de outros livros de poesias ao longo da vida, mas apa-

rentemente não teve envolvimento com o movimento anarquista. Oras, então por quê uma libertária haveria de escrever um prefácio para seu livro? Simples: Maria Lacerda de Moura era madrinha da autora e escreveu um texto, a modo de conversa ou conselho à menina que se iniciava nas letras e descobria o mundo! Uma mulher falando a outra mulher sobre os desafios e os obstáculos que lhe são impostos por justamente ser uma mulher. Um escrito carregado de um tom íntimo e pessoal, mas claramente com um teor libertário e revolucionário para a época, ao abordar a luta das mulheres por sua emancipação econômica, social e intelectual, utilizando a literatura, a sociologia, a arte e a política para explicar à jovem afilhada conceitos deveras complexos. Para Maria Lacerda, o motor da vida e a inspiração do bom artista e do cidadão do mundo, rebelde, solidário e revolucionário é a “Dor Universal”, aquela que nos move sempre em busca de aperfeiçoar-nos, aquela dor que todos sentimos mas ninguém sabe explicar...

Para concluir essa breve apresentação, deixamos registrado um soneto escrito por Ilka Maia nas páginas de Alvoradas e dedicado à madrinha Maria Lacerda de Moura.

Boa Leitura!
Apresentação e transcrição por
Rosa Silva.

As pedras

A D. Maria Lacerda de Moura

I

Quem diz que a pedra muda, à
beira de uma estrada,
É pedra morta e fria, é pedra indif-
ferente?...

Quem diz que ela não sente os
beijos da alvorada?...

Quem diz que a pedra é morta e
que a pedra não sente?...

Quem diz que a pedra é um bloco
estúpido de nada?

Quem diz isso, não pensa - e
quem diz isso mente!

A pedra, a pedra muda à beira de
uma estrada,
É um mistério do Céu! Talvez um
penitente!...

E é por isso que quando, as lágrি-
mas das chuvas,
Rolam, cheias de dor, dos olhos
das estrelas,
Choram as pedras, sós, como ve-
lhas viúvas...

E é por isso que quando, as vezes
distráido,
Voltas, mudo, pastor ao passar
junto delas,
Parece-te escutar, às vezes, um
gemido....

S.Paulo, 19 de Junho de 1923

S. Paulo, 20 de Junho de 1923

Ilka Maia

II

As pedras são sinais de dolorosas
vidas!...
São restos imortais de vidas acaba-
das!
São almas sem abrigo – as almas
foragidas
Que Deus deixou sem lar no gelo
das calçadas!...
São crianças sem pão, famintas,
atiradas...
Aos turbilhões da rua, em trapos
envolvidas!...
São os cegos sem luz de pupilas
cansadas
Que procuram a paz das campas
esquecidas!...
São mudos a que a mão de ferro
do Destino,
Estrangulou o som das portas da
garganta!...
- E as mais tristes, mais sós, des-
prezadas de Deus,
Que não servem sequer de encos-
to ao peregrino,
Essas são corações que numa an-
gústia santa
Amaram como o meu, uns olhos
como os teus!...

*
* *

Prefácio? Não!

Sou inimiga dos prefácios por-
que não concordo com a insti-
tuição dos padrinhos. Padrinho e Ma-
drinha constituem assim uma espécie
de tutela para a vida. E o meu tempe-
ramento combativo, rebelde, revolta-se
contra toda e qualquer coação à minha
liberdade. Na acepção literária o prefá-
cio é o segundo batizado ou melhor: o
crisma. Se o autor é mal sucedido, se é
mediocre, diz o padrinho “Ora, pediu-
-me o prefácio, como negar? Quis au-
xiliar a um principiante, eu sabia que
não tinha talento, mas...” E deixa no ar a
afirmação da sua grande generosidade
no gesto amplo da mão de protetor. De-
testo a proteção, sob qualquer forma.

Se o autor vence, se afirma uma
individualidade, até morrer o padrinho
compartilha dos lucros “Não fora eu...
Era desconhecido... Corrigi, melhorei,
retoquei, ensinei, dei-lhe um pouco do
meu grande cabedal...” Detestável tudo
isso.

Quando publiquei o meu pri-
meiro livro o fiz sozinha, consciente,

não me querendo escravizar a tutelas, responsabilizando-me pelo meu ato.

Atirei-o amplamente, corajosamente, por todo o Brasil e, esperei, sem sequer uma única apresentação, a não ser o meu nome desconhecido.

É o que ILKA deve fazer agora. É o que toda mulher deve fazer quando tem consciência de si mesma, quando se promete um esforço continuado, perseverante, em busca de uma nesga da Beleza imortal.

Não se trata de uma mulher vulgar e não devo antecipar a emoção dos leitores dessa vigorosa poetisa ainda menina.

A mulher, para conquistar o lugar a que tem direito, o lugar que é muito seu e que foi usurpado pela prepotência masculina aliada à submissão inconsciente, feminina; usurpado pelo atentado ao seu desenvolvimento mental na inação da sua atividade cerebral e no jugo do trabalho doméstico (obrigatório) só para o sexo feminino, - a mulher tem de reagir, com todas as forças, contra o meio ambiente: família, sociedade, opinião pública, preconceitos de toda espécie, e tem necessidade de vigor, de heroísmo, de personalidade para vencer todos os entraves e brilhar, - (quand même) as muralhas seculares da escravidão social, mormente para o sexo frágil que por ser frágil é o mais sobrecarregado...

No nosso país, a mulher verda-

deiramente individual, intelectual, é uma espécie de terceiro sexo: as mulheres desconfiam de nós, os homens têm medo da concorrência... e, todos se associam para desviar a atenção do nosso valor, ridicularizando-nos, envolvendo-nos de sátiras ou de galanteios, outra arma indigna como a tática do silêncio.

A literatura do *boudoir*, que tanto seduz a mulher, é o meio de afastá-la docemente... E ela não entende ou prefere não entender, espreguiça-se languidamente às frases alambicadas dos D. Juan – almofadinhas da literatura – e se deixa ficar na inconsciência da inatividade mental, estendendo as mãos para mais fortes algemas...

A mulher intelectual é uma precursora: tem de ser ousada, tem de ser heroína, tem de sacrificar toda a sua vida a vencer dificuldades, a tropeçar em barreiras incalculáveis.

Da tutela do Pai passa para a tutela do Marido... não se falando da sociedade que não larga a presa.

Se tem talento de verdade encontra centenas de candidatos a diretores espirituais...

E a sua mente se vai alargando ao contato das experiências amarguradas e as responsabilidades se multiplicam num crescendo assombroso, e, são tantas que as lágrimas se misturam às glórias, numa apoteose dolorosa de Sonhos e de duelos de vida ou de morte!...

Eis quanto te aguarda, minha ILKA.

Sê forte. Procura vencer.

Não te deixes esmagar como tantas outras. Não deixes que te sepultem a inspiração. Não consintas que maculem a tua Musa.

De todos esses montões de livros editados a cada hora – só ficam aqueles escritos dentro da alma, aqueles iluminados na flama dos grandes e fecundos sacrifícios, nascidos da vida interior; só conseguem penetrar os portais de outras gerações os livros escritos com o suor do nosso coração, com as mágoas da alma – se os animou um desejo maior, uma ânsia incontida, um anelo de perfeição e beleza.

Tens de cultivar dentro do peito um Ideal, qualquer que ele seja.

Pois bem, minha ILKA, a Arte, como tudo, tende a uma forma inédita.

Os grandes iniciados das ideias modernas ensinam-nos que, doravante, é bem mais ampla a missão do Artista. É preciso se eleve ele até se constituir em canal por aonde deve jorrar a linfa bendita da Beleza, mas, também, é necessário se liberte de escolas e sectarismos para a amplitude de horizontes vastos como vasto é o lampadário de esperanças dos idealistas do século XX.

A ARTE é renovadora, é rebelde, é livre, é construtora, é, em todos os tempos, um surto formidável na esca-

lada evolutiva.

Atravessamos uma época extraordinária de transformação social e o Artista tem de procurar, nesse caos, o fio de Ariadne, tem de encontrá-lo, que se constituiu guarda avançada dos mistérios sagrados dos iniciados da beleza imortal, dos iniciados da perfeição indefinida...

É mutilada a obra de Arte quando o Artista sucumbe desviando-se por encruzilhadas adrede preparadas pelos reacionários, pelos escribas da fraternidade humana, pelos mercadores dos templos... Por isso, CRISTO, no gesto de os enxotar, indicou um atalho nas obras de Arte renovadora e grande...

Queres ver, minha ILKA, um exemplo? D'ANNUNZIO tem o mérito de haver procurado uma saída para o seu anseio de liberdade, de infinito. Errou. Não é nos pequeninos FIUME que está solução para as tragédias da vida, nem é nessas conquistas locais que se encerram as grandes verdades.

O campo de ação é muito mais vasto, não pode ser restringido à noção da pátria ou da família. O Artista deve ter a intuição da Unidade porquê tem de penetrar a DOR UNIVERSAL.

A solução das grandes verdades?

Procura-a nas injustiças humanas. Procura-a nos soluços das mães miseráveis que perdem os filhos devorados pelos cães policiais das fábricas... ou estraçalhados entre os dentes das

engrenagens das máquinas.

Procura-a na ociosidade farta e na sociedade da miséria.

Procura-a nas arcas entupidas dos ricos e nas enxergas nuas dos cor-tiços imundos.

Procura-a nos cárceres onde o frio gargalha retalhando as carnes de criaturas e para onde vão crianças ficar em contato com degenerados e monstros para aprender a torpeza e a barbáridade e a revolta inconsciente.

Procura-a na exploração do homem pelo homem, na escravidão social da mulher, no trabalho da criança, no olhar dos garotinhos esfarrapados, viciados, cigarro à boca, entrecortada a fumaça pelos nomes pouco edificantes.

Procura-a no anseio das almas nobres, nos surtos dos poetas a escalar o Infinito, nas nossas aspirações transcendentes, nos sonhos dos precursorres, no lirismo dos corações enamorados do Ideal.

Mas, revolve a Dor, minha ILKA. Não há arte sem muita Dor!

A Dor é a grande genetriz!...

Depois, verás como crescestes dentro de ti mesma.

A grande Dor é o privilégio, a compensação e a benção dos Artistas.

E, se hás de ficar pelas encruzilhadas colhendo os suspiros imperceptíveis das borboletas que rasgaram as asas num espinho de roseira, - colhe a grande Dor, penetra a Dor humana,

canta a DOR UNIVERSAL?

Perscruta a Dor em todos os sentidos. Encontrarás a libertação.

Crescerá, sobre a tua cabeça an-gélica, a auréola dos Iniciados...

E viverás na memória dos Artistas, dos tristes e dos oprimidos.

Não te preocupes com as glórias efêmeras, com as palmas das multidões inconscientes.

O Artista prefere ser incompreendido isolando-se da vulgaridade...

O Artista deve ter individualidade própria, viver fora da sua época, ser estrangeiro no seu próprio país, sonhar uma humanidade sempre maior em vista de porvir cada vez mais vasto.

Não falo, ILKA, aos teus 16 anos: falo à alma da Artista, à sensibilidade feminina, à tua precocidade assombrosa.

Perdoa-me. É o desalento? É a Dor que te venho abrir no peito em novas cicatrizes como aquelas cantadas nos teus lindos versos?

Não sei, minha ILKA, é a Vida... é a Arte...

Vês como fizeste mal em exigir o meu prefácio?

Já é a linguagem da Madrinha...

Deixo-te, filha espiritual. Segue o teu caminho, refugia-te na solidão da tua alma, ouve as tuas vozes interiores e lembra-te de que só há um entrave para os nossos voos, - é a impossibilidade mental de voar mais alto.

Beijo-te com o respeito com que
se surpreendem as Sacerdotisas da Be-
leza orando as contas dos seus poe-
mas...

Salve!

És mais uma grande Dor entre
as muitas dores que soluçam dentro de
mim mesma...

São Paulo, 1923

Maria Lacerda de Moura

Maria Lacerda de Moura foi uma das mais notórias anarquistas brasileiras, uma das primeiras mulheres a discutir a emancipação feminina no país.